

O MULATO DE PORTAGEM (ANÁLISE LITERÁRIA)

*Manuel Brito Semedo**

Resumo: Através da análise literária do romance PORTAGEM, do Orlando Marques, o autor procura evidenciar aspectos dos impasses raciais e sociais que se tornaram elementos decisivos para o aparecimento de uma literatura moçambicana nacional. A base empírica é construída a partir das diferenças atribuídas a mulatos, brancos e negros, constantes da obra e sintetizados no personagem principal, assim como de outros fatores extra-literários. O autor tem em conta a dimensão sociológica da questão bem como a organização literária da obra em sua tentativa de evidenciar as situações de conflito.

Palavras-chave: África negra; Moçambique; Análise literária; Impasses; Conflito racial; Mulato

GÊNESIS

“Quando Deus fez as criaturas, mandou-as a uma ribeira para se lavarem. As que chegaram primeiro, lavaram-se em água límpida e ficaram brancas. As que chegaram a seguir, lavaram-se em água turva e ficaram mulatas. As que chegaram no fim, encontraram a ribeira a secar, apenas puderam molhar a palma das mãos e a planta dos pés e ficaram negras no resto do corpo.

E ao branco, Deus deu uma caneta. Ao mulato, deu uma balança. Ao negro, deu uma enxada.”

Lenda Africana

In, SOUSA, Teixeira de. *Na Ribeira de Deus*(1992:10)

(*) Instituto Superior Pedagógico – Faculdade de Línguas, Moçambique.

I. INTRODUÇÃO

I.1 ENQUADRAMENTO E OBJECTIVOS DA ANÁLISE

O presente trabalho representa uma proposta de análise de uma obra literária, com o aprofundamento de um tema que refutamos de considerável importância. Esta advém do facto de os conflitos racionais e sociais terem servido como catalizadores no processo do surgimento de uma literatura nacional moçambicana. Escolheu-se, para isso, o romance *Portagem*, de Orlando Mendes.

Para se efectuar uma análise literária do mulato João Xilim enquanto protagonista deste romance, deve pôr-se como base de estudo a questão da situação do mulato diferir, de alguma maneira, da do branco ou mesmo da do negro. Na busca do realismo da obra, essa diferença pode, por sua vez, ter dependido de vários factores extra-literários:

- o mulato é fisicamente diferente do branco e do negro;
- o mulato é tratado diferentemente pela sociedade;
- ou ainda, o mulato difere do branco e do negro noutros factores.

Os objectivos do estudo são sobretudo de índole sociológica:

- analisar o protagonista mulato de forma a dar conta dos aspectos que o diferenciam das restantes personagens;
- procurar a razão de ser dessas diferenças.

Com isto, pretende-se pôr em evidência a situação conflituosa do mulato na sociedade.

Sob o ponto de vista literário, é objectivo deste estudo:

- mostrar como a construção literária da obra contribui ou se organiza para evidenciar os conflitos sociais da condição de mulato.

I.2 METODOLOGIA

A metodologia do trabalho será a de uma leitura sociológica da obra, interligada com a avaliação da realidade histórico-social envolvente. Espera-se que, dessa interseção de níveis – literário e social – resulte a concretização dos objectivos propostos.

O estudo estrutura-se da seguinte forma: uma breve síntese do contexto literário e histórico-social da obra; um resumo da história que enforma o romance; a indicação dos recursos teóricos utilizados na análise; a construção da personagem protagonista na perspectiva do narrador, em função das relações que aquela

SEMEDO, Manuel Brito. O Mulato de *Portagem*. (Análise literária). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 53-67, 1995/1996.

mantém com outras personagens e em função da sua própria contradição interna. A fechar, uma conclusão sobre a situação de João Xilim e a razão da sua qualidade de ser diferente.

2. CONTEXTO LITERÁRIO E HISTÓRICO-SOCIAL DA OBRA

Portagem, obra de Orlando Mendes (1916-1989), foi o primeiro trabalho moçambicano do género. Escrito na década de cinquenta e publicado em 1965, é um romance racial e protestatário que retrata os conflitos sociais que o mulato tem como actor, sempre em má situação.

Já nos fins dos anos quarenta, conflitos do mesmo tipo foram abordados na literatura e João Dias escrevia em *Godido e outros contos*, obra póstuma publicada em 1952: “*Godido não passa de um negro insurrecto, cem mil vezes insurrecto*”. Por sua vez, nos princípios dos anos sessenta, Luís Bernardo Honwana, no livro *Nós Matamos o Cão Tinhoso*, inclui um conto “Dina” (págs. 55-77), cuja história trata um conflito prestes a deflagrar, mas que fica adiado por resignação do principal atingido. Conflito colectivo e laboral que tem origem num abuso sexual e que se auto-reprime perante o peso das estruturas que protegem o agressor.

Nos três casos apontados, os conflitos são de origem social e rática, os quais crescem e engrossam, indo desembocar na revolta individual contra a sociedade.

Parece que a miscigenação étnica e cultural foi menos intensa em Moçambique que em qualquer das ex-colónias portuguesas (sendo Cabo Verde um caso à parte, pelo facto das ilhas terem sido encontradas desabitadas). Entende-se que esse factor tenha contribuído para que, nas décadas de 40, 50 e 60, representadas nas obras acima referidas, os compartimentos raciais em Moçambique fossem muito rígidos e provocassem conflitos sociais e ráticos. Não é, por isso, de estranhar que esse tema tenha merecido tratamento na literatura moçambicana, em quase todos os escritores, dos poetas aos ficcionistas.

3. BREVE RESUMO DA OBRA

A obra foca a sociedade onde vive o mulato João Xilim, os efeitos que ela produz sobre ele, protagonista, e as relações sociais onde o mulato se integra. Sobrepondo-se, a história do romance é a própria história da personagem principal:

“Um branco destruiu a alegria da sua infância. Andou embarcado e conheceu um negro Jaime, um homem infeliz que bebia para esquecer. Foi

SEMEDO, Manuel Brito. O Mulato de *Portagem*. (Análise literária). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 53-67, 1995/1996.

amante da sua própria irmã. Condenado injustamente por tentativa de homicídio, esteve numa prisão onde teve por companheiro um negro desgraçado e valente chamado Isidro. Havia lá um branco chamado Tomás, amigo dos homens bons de todo o mundo. Jurou matar o homem que lhe roubara a mulher e acabou salvando-lhe a família num incêndio. Recebeu de volta a mulher arrependida. Foi viver para uma gamboa, onde teve um sócio que se matou com a amante ao se descobrir traído na sua honra. O mesmo homem branco causador da desgraça do sócio cruzou o seu caminho.”

4. RECURSOS TEÓRICOS

Para a análise que segue, recorreu-se às teorias do estudo da análise estrutural e semiológica da narrativa, desenvolvidas por Philippe Hamon, A. J. Greimas, Roland Barthes, Tzvetan Todorov e Gérard Genette, que fizeram escola nos anos 60-70.

-Teoria sobre a Descrição das Personagens

Philippe Hamon (1977:90-91) considera a personagem como um signo, que surge no início da narrativa como um morfema “vazio” e só vai definir o seu “sentido” a pouco e pouco. Para além disso, a “significação” de uma personagem não se constitui, tanto por repetição (recorrência de marcas) ou acumulação (de um menos determinado para um mais determinado), como por diferença perante signos do mesmo nível e do mesmo sistema e pela sua inserção no sistema global da obra. É, pois, diferencialmente, diante das outras personagens do enunciado que antes de tudo se definirá uma personagem.

Esta teoria aplica-se à análise pela forma como a personagem-herói é gradualmente construída ao longo de toda a obra.

-Teoria sobre o Estatuto Estrutural das Personagens

A. J. Greimas propõe, de acordo com Todorov (1981:23): “*descrever e classificar as personagens da narrativa, não segundo o que elas são, mas segundo o que elas fazem (donde o nome de actantes), ao mesmo tempo que participam em três grandes eixos semânticos. Para mais, estes encontram-se na frase (sujeito, objecto, complemento de atribuição, complemento circunstancial) e são: a comunicação, o desejo (ou a procura) e a provação; como esta participação se ordena em pares, o mundo infinito das personagens é também submetido a uma estrutura paradigmática (Sujeito/Objecto, Destinador/Destinatário, Adjuvante/Oponente), projectado ao longo da narrativa; e como o actante define uma classe, pode-se preencher actores*

SEMEDO, Manuel Brito. O Mulato de *Portagem*. (Análise literária). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 53-67, 1995/1996.

diferentes e mobilizá-los segundo as regras de multiplicação, de substituição ou de carência”(T. do A.).

Esta teoria, combinada com a anterior sobre a descrição das personagens, mostra o “fazer” da personagem principal e explícita, de forma esquemática, as intrigas que percorrem o romance.

-Teoria sobre os Aspectos da Narrativa

Segundo Tzvetan Todorov (1981:147-148): “...ao ler-se uma obra de ficção não se tem uma percepção directa dos acontecimentos que ela descreve. Juntamente com os acontecimentos, embora de maneira diferente, tem-se percepção de quem as conta. Esses diferentes tipos de percepção são os aspectos da narrativa. Mais precisamente, o aspecto do narrador reflecte a relação entre um *ele* (na história) e um *eu* (no discurso), ou seja, entre a personagem e o narrador. (...) Esta percepção interna conhece três tipos principais:

Narrador > Personagem (visão “por trás”). Neste caso, o narrador sabe mais que a sua personagem. Ele não se preocupa em explicar como adquiriu esses conhecimentos, ele vê através das paredes da casa bem como através do crânio dos seus heróis. As suas personagens não têm segredos para ele. Naturalmente, essa forma apresenta diferentes graus. A superioridade do narrador pode manifestar-se, quer nos conhecimentos dos desejos de cada um, quer nos conhecimentos dos desejos simultâneos dos pensamentos de muitas personagens, quer ainda e simplesmente na narração de acontecimentos que são percebidos por uma única personagem.

Narrador = Personagem (visão “com”). Neste caso, o narrador sabe tanto como as personagens e não pode fornecer uma explicação dos acontecimentos antes de elas os terem descoberto. Pode também estabelecer-se aqui muitas distinções. A narrativa pode ser conduzida na primeira pessoa (o que justifica o procedimento) ou na terceira pessoa, mas sempre seguindo os acontecimentos de uma mesma personagem. O narrador pode ainda seguir uma única ou várias personagens.

Narrador < Personagem (visão “à frente”). Neste terceiro caso, o narrador sabe menos que qualquer das personagens. Ele pode descrever unicamente o que vê, entende, etc., mas não tem acesso a nenhuma consciência”(T. do A.).

Esta teoria aplica-se de forma particular ao estudo, devido à percepção e à postura do narrador (“por trás” das personagens) ao contar da história.

-Teoria sobre o Estatuto do Narrador

Gérard Genette (198?:243-244), distingue dois tipos de narrativas: uma de narrador ausente da história que conta, outra de narrador presente como

SEMEDO, Manuel Brito. O Mulato de *Portagem*. (Análise literária). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 53-67, 1995/1996.

personagem dessa história. Ele nomeia o primeiro de heterodiegético e o segundo de homodiegético. Genette explica ainda que a ausência é absoluta, mas a presença tem os seus graus. Haverá, pois, pelo menos, que distinguir no interior do tipo homodiegético duas variedades: uma, em que o narrador é o herói da sua narrativa e outra, em que não desempenha senão um papel secundário, que acontece ser, por assim dizer sempre, um papel de observador e de testemunha.

Esta teoria é importante para explicar o distanciamento do narrador da história que conta.

As teorias aqui referenciadas serão operacionalizadas ao longo da análise. Cada uma delas aborda um aspecto específico de um todo, que é a análise da narrativa, sob a óptica estruturalista e semiológica. A opção por esta corrente teórica baseia-se no facto das teorias abordadas parecerem particularmente adequadas ao tipo de análise pretendida.

5. CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM PROTAGONISTA

5.1. PERSPECTIVA DO NARRADOR

Toda a narrativa da obra é feita na perspectiva de um narrador que não é participante da história, ou seja, de um narrador que é heterodiegético, segundo Genette, ou que tem uma “*visão por trás*”, conforme Todorov. Esse recurso permite ao narrador fazer intervenções, directas ou indirectas, explícitas ou não, a respeito da história e ter aquilo a que o primeiro teórico chama de “*função ideológica do narrador*”. É com essa “função” que o narrador vai construir para o narratário e, indirectamente para o leitor, o protagonista João Xilim.

Assim, encontram-se no texto pontos de referência, explícitos ou implícitos, a que chamamos “códigos” e em relação aos quais o protagonista é definido. Determinamos assim, conforme as suas características, um código expresso e um código oculto.

– O Código Rácico

Segundo Philippe Hamon (*op.cit.*:91), uma personagem constitui-se, sobretudo, pela “*(...) diferença perante signos do mesmo nível e do mesmo sistema e pela sua inserção no sistema global da obra*”. No caso particular de João Xilim, a diferença fundamental está no facto de ele ser mulato. Assim, o narrador vai recorrer a essa marca, pela repetição, o que se pode ilustrar com os seguintes extractos: “*Ele não era negro como a outra gente nascida em terras do Marandal. Tinha a pele mais*

SEMEDO, Manuel Brito. O Mulato de *Portagem*. (Análise literária). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 53-67, 1995/1996.

clara que a dos negros e o cabelo mais liso (...) ao regressar, porém, ao Marandal, ele já não tinha dúvidas que a sua pele era como se nela houvessem misturado a cor dos brancos da casa da mina e a dos negros que um dia abandonaram o Ridjalembe” (MENDES, 1981:21) e “alguns dos negros sentem um certo rancor contra João Xilim. E fazem surdamente alusão à ignomínia da sua cor mestiça a que atribuem a possibilidade de todas as cobardias e traições” (idem:33).

– O Código Expresso

Por código expresso designamos o discurso linguístico que é utilizado para caracterizar a personagem e se refere àquilo que é dito. Por essa via o narrador informa da mundividência de João Xilim emigrante e do seu posicionamento em relação ao mundo.

A mundividência de Xilimé apresentada na seguinte passagem: “(...) viu os seus irmãos mulatos e negros que trabalhavam no cais e nas fábricas e eram tão subtraídos à civilização como os negros do Marandal. Viu os seus irmãos mulatos e negros que imitavam os brancos no vestuário, na linguagem e nos costumes. Viu os seus irmãos negros contratados para irem trabalhar nas minas no outro lado da fronteira. Viu os homens brancos que moravam nos arredores da cidade em companhia de mulheres negras e andavam fazendo filhos brancos e negros. Viu os homens brancos que viviam em casas bonitas e se deslocavam de automóvel e tinham todas as comodidades” (idem:26).

Igualmente, pode confirmar-se no texto a posição da personagem em relação a esse mesmo mundo, com o seguinte extracto: “João Xilim revolta-se contra esta nova tentativa de exploração dos negros da sua terra. Patrão Campos é dono dos mineiros (...). Os que partem para as minas de além fronteira, deixam as mulheres e os filhos e, como são clandestinos, muitas vezes nem mandam dinheiro nenhum. Alguns ficam por lá para sempre e outros voltam tuberculosos ou aleijados”(idem:32).

– O Código Oculto

Por código oculto queremos designar o não-dito, o não expresso linguisticamente, mas que fica subentendido. Esse código é extra-literário, do domínio da realidade histórica e que nos foi transmitida pela memória colectiva. O autor terá recorrido a esse código oculto como uma forma de escapar à censura (ou mesmo como uma auto-censura). Isso tem provavelmente a ver com a realidade factual da repressão política que se vivia por essa ocasião nas ex-colónias. O índice desse texto ausente, porque não expresso, seria: as greves, as manifestações, os protestos, as revoltas, ou seja, a indignação contra o sistema colonial.

SEMEDO, Manuel Brito. O Mulato de *Portagem*. (Análise literária). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 53-67, 1995/1996.

5.2. RELAÇÃO COM OUTRAS PERSONAGENS NA AQUISIÇÃO DA CONSCIÊNCIA DA SUA CONDIÇÃO

Antes de mais, verificamos que o protagonista João Xilim se apresenta como uma personagem que parece retratar uma pessoa real, figurando como indivíduo de psicologia autônoma, sempre a defenir-se ao longo de toda a narrativa. Em segundo lugar e conforme Philippe Hamon assinala, é “*diante das outras personagens do enunciado que antes de tudo se definirá uma personagem*”(op.cit.:91). No caso em análise, é na sua relação com outras que a nossa personagem vai tomar consciência da sua condição de mulato nunca aceite, nem pela raça da mãe nem pela do pai.

A maior parte das outras personagens que se movem no romance podem ser classificadas de “personagem-tipo”, pois são apresentadas como simbolizando um dado grupal social e rático. A fim de serem verdadeiramente representativas, essas “personagens-tipo” correspondem, por assim dizer, à média do conjunto de virtudes e defeitos que o ambiente social torna mais comuns nos indivíduos de cada um desses grupos. Todas essas personagens, cada uma à sua maneira, contribuem com um aspecto importante para que João Xilim adquira a consciência da sua condição. São elas: a Avó Alima, a Mãe Kati, a Menina Maria Helena, o Jaime, a Luísa e o Tomás de Oliveira.

– Caracterização das Personagens em Relação ao Protagonista

A *Avó Alima* (negra) representa a consciência da tradição africana. Viveu os seus últimos dias, solitariamente, na terra abandonada do Ridjalembe, “*chão pisado por três gerações de negros*”(MENDES, op.cit.:11). O símbolo daquele passado distante é o “*cajueiro plantado por seu avô, o escravo Mafanissane, no dia da sua libertação*”(idem *ibid.*). Ela era a única pessoa viva das que ouviram pela boca dos escravos a história recontada do mundo da planície. A solidão da velha Alima tinha começado depois da filha *ter gerado e parido um filho de branco porque, como ela dizia, “branco só quer a preto só pra gastar o corpo de ele”*(idem:13).

Quando João Xilim quiz saber da sua origem, foi à morada da avó que se dirigiu. Ela representa a ligação com o passado, a raiz da sua história como indivíduo. É dessa avó negra que João Xilim “*sente remorsos de não ter feito mais companhia (...) que para ele agora representa um símbolo*”(idem:15).

A *Mãe Kati* (negra) representa a consciência da sua origem. Kati é uma negra que se amigou com o patrão Campos e do qual nasceu João Xilim. Casou-se com Uhulamo, capataz da mina de carvão, por arranjo do próprio patrão. Apanhada em flagrante no seu envolvimento com o branco pelo filho adolescente, este foge de

casa “para onde ninguém o conhecesse nem pudesse saber da sua dor e da sua vergonha” (idem:24).

A “dor” e a “vergonha” são aqui símbolos rácicos. O narrador parece veicular a leitura do autor da realidade social. O comportamento da mãe Kati talvez fosse devido a um conceito diferente que ela tivesse da moral. Ser escolhida por um branco importante poderia até significar, para ela, a aquisição de uma melhoria de estatuto. Contudo, para Xilim, essa ligação, mais do que prescrita e sensurável, por ser uma traição ao capataz Uhulamo, era, sobretudo, interdita porque com um branco que, para mais, era o patrão. A dor de Xilim é que ele seria sempre visto como o resultado dessa ligação.

A *Menina Maria Helena* (branca) representa a consciência do amor e do preconceito racial. Maria Helena é filha do patrão Campos. Durante a infância teve João Xilim como moleque e única companhia. Contudo, “*deixaram, a pouco e pouco, de se comportarem como patroa e moleque, para serem apenas quase dois afloramentos sentimentais de sexo diferente que não entendiam ainda* (sublinhado do A.) *a linguagem dos preconceitos de cor e de senhoria ou se recusavam a falá-la quando estavam sós*” (idem:17).

Morre-lhe o pai, Maria Helena deixa o colégio onde estava internada e regressa a casa para tomar conta da mina. Retoma a convivência com Xilim, agora feito seu capataz, e “*recorda para si esses tempos de infância, os seus amuos, as reconciliações, as chibatadas que mandava dar no moleque pela negra Rosa, os arrependimentos que sofria à noite, sozinha no seu quarto*” (idem:45). O inevitável acontece: descobrem que se amam. Mas, a sua relação com João Xilim é uma relação proibida. Apesar de amar Xilim, este estava-lhe vedado pelo estatuto rácico e social. Por outro lado, a relação para João Xilim seria proibida também, mas por motivos de sangue, já que descobriu que ela era sua irmã. Maria Helena teve de enfrentar o conflito: “*João, um de nós tem que ir embora do Marandal. Escolhe depressa (...) E nunca mais ouvirem falar dele no Marandal*” (idem:46). Essa decisão, motivada por uma questão etno-cultural, viria a ser determinante para o desenvolvimento de todo o enredo do romance.

Mais tarde Maria Helena volta a encontrar-se com João Xilim. Casada com o cantineiro Sr. Esteves, João é empregado do marido. Surge outra vez o conflito, cuja solução lhe é facilitada: “*João Xilim ouve vozes que chegam de longe e o transfiguram (...). Mas com uma sinceridade que lhe faz parar o coração, ainda que a sua frase pareça carregada de ironia: – Eu vou-me embora daqui, antes de a senhora mandar...*” (idem:90).

Jaime (negro) representa a consciência da dureza da vida. O negro Jaime era um fogueiro que Xilim conheceu na sua vida de marinheiro e com quem conversava

muito nas horas de folga comum. Depois de saber a história do outro, Jaime conta a Xilim *“todas as afrontas e todas as violências da sua vida de menino e de adolescente (...). Fizera-se um adulto entre as imprecações, as troças, os gritos e as violências de homens e mulheres. Gente que era negra e branca e de outras raças. O amor nunca foi para ele mais do que a posse fortuita ou demorada de um corpo de mulher”* (idem:26-27).

Jaime vai ocupar-se da iniciação de Xilim na vida adulta, de lhe transmitir informações que lhe vão proporcionar novas descobertas e de lhe mostrar que devia perdoar à mãe.

Luísa (mulata) representa a consciência do poder do branco. Luísa é a mulher de Xilim. Começa por tratar o marido com maus modos quando fica sem emprego, passa a ter um caso com o Sr. Esteves, o dono da Casa de Cajú, na ausência do marido e, quando aquele a abandona, entra na prostituição.

Xilim regressa e fica a saber de tudo, vendo Luísa em companhia de diferentes homens. *“João Xilim, degostoso mas sereno, pensa que não tardará muito que ela própria tenha o seu quarto num componde para receber qualquer homem. Algum tempo depois, irá para um hospital e, de queda em queda, acabará por ir morar numa palhota, na miséria”* (idem:60).

Num encontro fortuito, Luísa ofende Xilim chamando-o de cornudo. Ferido na sua honra, Xilim apunhá-la. Ela salva-se, mas Xilim apanha uma pena de cinco anos de prisão por tentativa de homicídio premeditado.

Arrependida do seu procedimento, Luísa deixa a vida que levava. É a Mamane Angelina que, mais tarde, informa disso Xilim: *“Dêsque saiu do hospital ela nunca mais ligou com nenhum homem. Tem andado sempre a trabalhar na cidade, nas casas de gente que tem dinheiro, a arranjar roupa, fazer comida, tratar dos meninos...”* (idem:108). Luísa é perdoada e recebida de volta pelo marido. Certo dia, vivendo eles nessa época na gamboa, Xilim regressa a casa e encontra-a agarrada por Coxo, um branco atrevido. Interpretando a cena à luz do comportamento passado dela, reaje violentamente, mas acaba por entender que a mulher era também uma vítima.

Tomás de Oliveira (branco) representa a consciência da dignidade e da fraternidade humanas. Funcionário da Secretaria do Depósito do presídio, grato e sensibilizado por Xilim o ter auxiliado numa disputa de bar, *“convida o mulato a ir ao seu quarto. Quer manifestar-lhe a sua gratidão. Lê-lhe livros e obriga-o a assimilar as mensagens de quem os escreveu. João Xilim vai descobrindo novas raízes da vida, compreendendo verdadeiramente os homens que em todos os lugares do mundo têm uma linguagem de fraternidade para falar aos outros, por mais distantes que sejam suas condições”* (idem:73-74).

– Análise das Relações das Personagens

Conforme a proposta de Greimas, anteriormente referida, pode construir-se, no caso presente, o “modelo actancial” que se mostra na Fig.1.

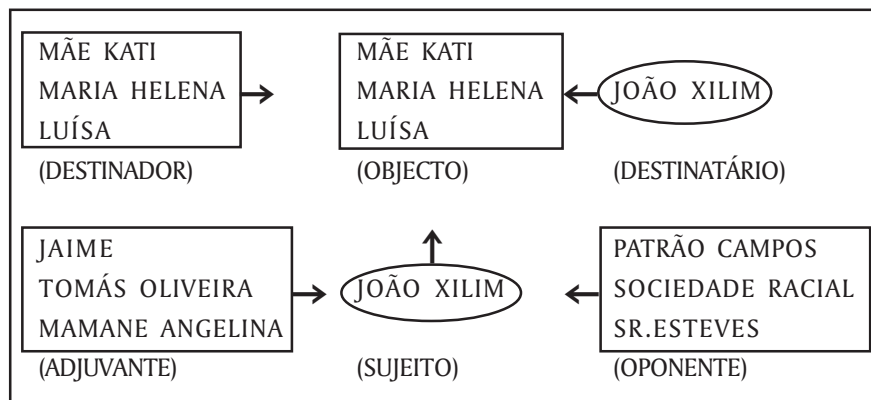


Fig. 1. Modelo actancial do mulato em *Portagem*

No primeiro eixo sintagmático, a Mãe Kati dá-se como objecto de amor a João Xilim, que também a quer. No eixo paradigmático, João tem como oponente o patrão Campos e por adjuvante o Jaime. Já no segundo eixo sintagmático, Maria Helena dá-se como objecto de amor a Xilim. Este deseja-a, mas tem como oponente a Sociedade Racial e como adjuvante Tomás de Oliveira. No terceiro eixo sintagmático, Luísa dá-se como objecto de amor a João Xilim, enquanto que no eixo paradigmático, o Sr. Esteves se opõe disputando-a e a Mamane Angelina é adjuvante.

É na relação com essas personagens que João Xilim vai definir-se como ser, ao “fazerem-no” adquirir a consciência da sua condição rácica e social.

5.3. CONTRADIÇÃO COMO DEFINIÇÃO DA PERSONAGEM

A acção do romance desenvolve-se através da impossibilidade de João Xilim se prender a um lugar e a quaisquer pessoas, uma vez que, desde o início, se torna num ser escorraçado, apanhado entre os fogos cruzados dos conflitos raciais. É assim que se vai explicar o conflito interior e o drama da sua côr.

– Nem negro nem branco

João Xilim, com doze anos, foi levado para a casa do patrão Campos para servir como moleque de Maria Helena, um ano mais nova. Devido às atitudes

inconsequentes desta, D. Laura dizia à filha que seria melhor mudarem de moleque: *“Este moleque parece-me esperto demais. Além disso, é mulato. E não gosto nada desta raça. São mais falsos que os pretos”*(MENDES, *op. cit.*:17).

O problema era tanto mais grave a nível do subconsciente, pois João costumava ter pesadelos. Certa vez sonhou que lhe cantavam e diziam: *“Xilim! Xilim! Xilim! Você não é preto! Você não é branco! Você é Xilim! Xilim! Xilim!”*(*idem*:22). Nem mesmo pelo sonho João conseguia ultrapassar e resolver a terrível frustração de ser biologicamente híbrido.

Ao longo de toda a sua vida, João Xilim seria insultado e vilipendiado por causa de sua cor, por ambas as raças:

- Pelo sentenciado Isidro: *“Mulato não é gente de confiança. Tem sangue de branco. Não quer saber da sorte de preto para nada!”*(*idem*:70).
- Pelo ex-presidiário Marques: *“Não sujo as mãos nas ventas de um mulato! (...) Havemos de nos encontrar outra vez, negro de meia tinta!”*(*idem*:73).
- Pelo capataz branco encarregado das medições: *“Sai já daqui para fora! Vocês estão todos aqui por favor e ainda refilam! Sai, filho da ...! Mulato duma figa! Passa uma névoa pelos olhos de João Xilim. Sempre a mesma acusação de filho ilegítimo de duas raças. Uma afronta permanente como se ele tivesse que carregar até à morte a culpabilidade do abraço da mãe Kati e de patrão Campos. O passado exige-lhe uma resposta”*(*idem*:112-113).

Pelos casos ora apontados, é de concluir que a incompreensão do ser pelos outros leva à atribuição de características malévolas, o que tem a ver com a interpretação mística do desconhecido ou do incompreendido. O autor consegue de facto, por este meio, mostrar a condição do mulato, quer através do seu conflito interior, quer do conflito que ele cria aos que com ele lidam.

– Contradição de Sentimentos e Comportamentos

Seguindo uma perspectiva psicanalítica, diríamos que a perda da mãe, enquanto objecto de amor, vai determinar todo o comportamento da personagem de Xilim. Ele é um ser angustiado, com desejo de ser amado, que vai procurar sublimar o desejo agarrando-se a qualquer coisa (outro ser, uma idéia, um projecto) que lhe traga satisfação. Durante toda a sua vida ele vai revelar-se um ser dividido, com sentimentos e comportamentos contraditórios que poderíamos classificar em pares: amor/ódio, honra/vergonha, atracção/repulsão, revolta/submissão.

- Em Relação à Mãe:

Em relação à mãe, os sentimentos tornaram-se contraditórios, pois queria amá-la, mas ao mesmo tempo queria odiá-la ao sentir-se traído por ela. Daí o seu

comportamento contraditório, ilustrado na seguinte passagem do texto: “*Nos primeiros tempos de embarcação, pensara constantemente em regressar um dia ao Marandal e vingar-se do patrão Campos e da Kati que lhe tinham atraído a inocência*”(idem:31). Depois acabou tendo saudades. “*Saudades da mãe Kati que pecara*”(idem:29). Quando voltou à terra “*comprara lembranças e oferecera-as à mãe Kati*”(idem:31).

- **Em Relação ao Pai:**

Em relação ao pai, os sentimentos de atração contrapõem-se aos de repulsa, que o autor, para maior efeito, associa a uma repulsa física. Xilim vai ficar dividido, conforme se confirma na seguinte passagem: “*(...) sente que, embora já não lhe possa falar-lhe nem ouvi-lo, patrão Campos não deverá ir para debaixo da terra sem que ele o veja uma última vez e de perto. É seu filho, não lhe restam dúvidas (...) Patrão Campos está deitado na cama do casal, coberto por um lençol. A viúva, sentada numa cadeira, dormita. A visão do quadro provoca-lhe a sensação física de os sentimentos se misturarem ao seu sangue. O homem morto era seu pai só porque possuía sua mãe? Alguma coisa dele próprio acabou também com a morte daquele homem? Ou o homem não poderá realmente morrer enquanto ele próprio for ainda vivo?*”(idem:38-39).

- **Em Relação à Mulher:**

Com Luísa, revelam-se muito mais os sentimentos contraditórios de Xilim. Porque a ama muito, odeia-a e não lhe quer perdoar. Mas, ao mesmo tempo, não consegue deixar de pensar nela e de desejá-la. Confirma-se o facto num excerto do poema encontrado no bolso das suas calças, quando foi preso:

(...)
Esquecer é que eu não possu
A dor do meu coração
Deste amor que era nossu
E ela agora diz que não
Nem a quero outra vez
Mas sempre penço nela
Todos os dias do mês
E tou á espera de ela
E se mesmo não vem ela
Eu é que vou procurar
E trazer á minha sorte

SEMEDO, Manuel Brito. O Mulato de *Portagem*. (Análise literária). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 53-67, 1995/1996.

*Eu lhe quero perder
Até chegar minha morte”*
(idem:65-66).

- Em Relação ao Sr. Esteves:

Saído da prisão, Xilim regressou à cidade para se vingar do dono da Casa do Cajú, que lhe roubara Luísa, mas acaba por salvar-lhe a mulher e a filha de um incêndio. Com isto, o autor atribui-lhe sentimentos humanitários, comuns a todos os homens, provando que a cor da pele e a alma não têm qualquer correspondência. Pode considerar-se, pois, que seja este o objectivo da obra.

6. CONCLUSÃO

A personagem João Xilim é construída, ao longo da obra, com função de porta-voz de um grupo social que é discriminado, tanto pelos da raça branca, como pelos da raça negra.

O autor consegue mostrar as diferenças ráticas entre o branco e o negro e, como produto dos dois, o mulato. O autor consegue provar ainda a existência de conflitos sociais, com base na discriminação da cor da pele. Igualmente, põe em destaque o conflito interior do mulato Xilim, que se traduz em comportamentos observáveis e analisáveis, que não são senão a consequência do conflito social que o aflige. O autor fornece ao leitor todos os indícios possíveis para que este faça o seu próprio juízo de valor sobre essa questão fundamental que é a condição de mulato.

A narrativa chega ao fim sem que seja expressa uma saída para o conflito do protagonista. Xilim termina extenuado e sem nenhum arrependimento, pensando que tinha cumprido fielmente o seu destino:

“Foi sempre ele, o mulato, um homem clandestino (sublinhado do A.): na barriga da mãe, moleque em casa da D. Laura, menino da infância de Maria Helena, testemunha do abraço da negra Kati e de patrão Campos, capataz da mina do Marandal, amante ilegítimo, emigrante sem passaporte, número extra entre os sentenciados negros, contrabandista, vingador despercebido. (...) E no seu coração nunca houve amor nem ódio verdadeiros. Apenas desgostos, insuficiências e cansaços”(idem:160).

Parece que o autor defende uma postura filosófica puramente determinista quando o narrador apresenta a versão do mulato (que sabe menos que o narrador) como o cumprimento de um destino contra o qual nada pode fazer. Nada mais falso!

SEMEDO, Manuel Brito. O Mulato de *Portagem*. (Análise literária). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 53-67, 1995/1996.

A interpretação deve ser mais profunda. De facto, o tom de protesto que percorre todo o romance só pode significar uma intenção de mobilização para a luta contra uma discriminação injusta. Este sentimento de injustiça é patente em todo o romance, agudizando-se à medida que a obra avança.

A história termina em aberto, projectando, ou devolvendo, para a sociedade moçambicana a solução para o fim de todos os seus conflitos sociais e rácicos.

7. BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland, (1981). "Introduction à l'analyse structurale des récits", *In* Roland Barthes *et al.*, *L'Analyse Structurale du Récit*. Editions du Seuil, Paris, págs. 8-33.
- DIAS, João, (1989). *Godido e outros conto*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos.
- GENETTE, Gérard, (1987). *Discurso da Narrativa*. Lisboa:VEGA.
- HAMON, Philippe, (1977). "Para um Estatuto Semiológico da Personagem". *In* F. Van Rossum-Guyon *et al.*, *Categorias da Narrativa*. VEGA, Lisboa, s.d., págs. 77-102.
- HONWANA, Luís Bernardo, (1988). *Nós Matamos o Cão Tinhoso*. Porto: Edições Afrontamento.
- MENDES, Orlando, (1981). *Portagem*. Maputo: INLD – Instituto Nacional do Livro e do Disco.
- PIRES LARANJEIRA, (1985). *Literatura Calibanesca*. Porto: Edições Afrontamento.
- TEIXEIRA DE SOUSA, H. (1992). *Na Ribeira de Deus*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Ltda.
- TODOROV, Tzvetan, (1981) "Les catégories du récit". *In* Roland Barthes *et al.*, *L'Analyse Structurale du Récit*. Editions du Seuil, Paris, págs. 130-157.

ABSTRACT: Through a literary analysis of the novel *Portagem*, by Orlando Marques, the author seeks to show aspects of the racial and social impasses which became decisive elements for the appearance of a national Mozambican literature. The empirical base is set up taking as a starting point the differences attributed to mulatto, white, and black people. These differences are presented in the book and summarized in the main character, as well as other extra-literary factors. The author considers the sociological dimension of this issue as well as the literary organization of the work in its attempt to evidence situations of conflict.

Key-words: Black Africa; Mozambique; literary analysis; impasses; racial conflict; mulatto